

Problemas Decorrentes da Popularidade

(Marcos 3:7-35)

Joe Schubert

Os capítulos 3 a 5 de Marcos introduzem um período de alta popularidade no ministério de Jesus. Essa popularidade é sublinhada pela ênfase que Marcos dá à multidão que seguia Jesus.

Vejamos, por exemplo, Marcos 3:7 e 8:

Retirou-se Jesus com os seus discípulos para os lados do mar. Seguia-o da Galiléia uma grande multidão. Também da Judéia, de Jerusalém, da Iduméia, dalém do Jordão e dos arredores de Tiro e de Sidom uma grande multidão, sabendo quantas coisas Jesus fazia, veio ter com ele.

Não temos uma idéia exata do tamanho dessa multidão. Não eram algumas pessoas, nem eram cerca de mil pessoas. A multidão devia compor-se de umas dez mil pessoas.

Marcos diz que veio gente de todas as regiões adjacentes da Galiléia. Vieram da Judéia que ficava uns oitenta quilômetros ao sul, vieram de Jerusalém que ficava uns cento e dez quilômetros ao sul. Vieram também pessoas da Iduméia, ou Edom, que ficava abaixo do deserto sul. Vieram do outro lado do Jordão, que atingia desde o deserto da Arábia até o leste. O território do qual essa gente vinha estendia-se desde o oeste do litoral mediterrâneo até centenas de quilômetros da linha costeira das cidades de Tiro e Sidom. De todas essas extensas regiões do contexto do primeiro século, vinha gente ouvir Jesus pregar.

Marcos destaca as multidões por toda essa seção do seu livro. Observemos, por exemplo, Marcos 3:20: “Então, ele foi para casa. Não obstante, a multidão afluiu de novo...” Mais adiante, em 3:32 ele diz: “Muita gente estava assentada ao redor dele...” Em 4:1, ele diz: “Voltou Jesus a ensinar à beira-mar. E reuniu-se numerosa multidão a ele, de modo que entrou num barco, onde se assentou, afastando-se da praia...” Também em 4:36 ele diz: “E eles, despedindo a multidão...” Em 5:21 ele diz: “Tendo Jesus voltado no barco, para o outro lado, afluiu para ele grande multidão...” Depois, poucos versículos adiante, ele

diz no 24: “Jesus foi com ele. Grande multidão o seguia, comprimindo-o”.

Esse foi o período do ministério de Jesus em que Ele foi literalmente pressionado pelas grandes massas, que vinham ouvir esse admirável homem pregar. Foi o período de Sua maior popularidade.

Muitas pessoas atribuíam às enormes multidões um sinal do sucesso de Jesus. À medida que lemos todo o relato de Marcos, vemos que a intenção do escritor ao enfatizar as multidões é grifar a fragilidade da popularidade — a inutilidade de ser popular — e os danos e perigos que a popularidade causou ao ministério de Jesus.

O PROBLEMA DA ÊNFASE (3:9, 10)

O primeiro problema que a popularidade trouxe encontra-se em Marcos 3:9 e 10: “Então, recomendou a seus discípulos que sempre lhe tivessem pronto um barquinho, por causa da multidão, a fim de não o comprimirem. Pois curava a muitos, de modo que todos os que padeciam de qualquer enfermidade se arrojavam a ele para o tocar”. Essa multidão, como toda multidão sempre faz, tinha os olhos fitos na ênfase errada. Eles haviam entendido mal o propósito da vinda de Jesus, e começavam a enfatizar o que, na mente de Jesus, era secundário.

Esse erro de ênfase é visto por todo o ministério de Jesus, especialmente em relação às curas físicas que Ele realizou. Jesus de fato curou fisicamente, mas desde aqueles dias até o presente, os homens entenderam essas curas como se elas fossem a razão suprema da Sua missão. Além disso, os Evangelhos destacam cuidadosamente que Jesus sempre foi muito cuidadoso ao operar essas curas físicas e ao comunicar que a verdadeira cura que Lhe interessava era a cura do espírito humano.

As multidões entenderam mal a missão de Jesus e se arrojavam a Ele para O tocar, a fim de serem curadas. O Senhor teve de valer-se de uma estratégia para escapar das multidões que O comprimiam. Quando ensinava à beira do mar

da Galiléia, Ele pediu que os discípulos preparassem um barco. “Tragam um barco até a praia porque talvez eu tenha de entrar nele”, disse Jesus, “e naveguem mar adentro a uma distância em que eu possa *pregar* em vez de curar”. Um perigo constante da popularidade é que a verdadeira mensagem seja distorcida, e algo de importância secundária seja enfatizado a ponto de a ênfase principal ser esquecida.

Há nisto uma aplicação para nós? Uma congregação está ativa, vibrante e crescendo. É tão fácil as pessoas ficarem atraídas pela empolgação e o sentido de comunhão a ponto de negligenciarem a mensagem básica que as mantém unidas. As pessoas vão às reuniões da igreja, ouvem as mensagens que são ali pregadas, participam das aulas bíblicas e desfrutam do calor e do entusiasmo da comunhão. Não gostaríamos que fosse diferente. Mas se os membros estiverem se reunindo somente por causa da comunhão e do entusiasmo, sem jamais prestarem obediência ao evangelho de Jesus, tudo o que eles encontrarem ali será vazio e inútil. A razão de existirmos como igreja é conduzir pessoas à união com Jesus Cristo como Senhor e Salvador, e se as pessoas não aceitarem pessoalmente o evangelho que Jesus pregou, elas se desviarão totalmente do objetivo principal.

O PROBLEMA DOS ENDEMONINHADOS (3:11–19)

Um segundo problema decorrente da popularidade de Cristo durante esse período tinha a ver com os demônios. Observemos os versículos 11 e 12: “Também os espíritos imundos, quando o viam, prostravam-se diante dele e exclamavam: Tu és o Filho de Deus! Mas Jesus lhes advertia severamente que o não expusessem à publicidade”. Por que Jesus rejeitou o testemunho desses demônios? O testemunho deles era verdadeiro — Ele era o Filho de Deus. Jesus, porém, não queria que o testemunho a respeito de Sua divindade viesse de demônios. Por quê?

Havia duas razões. A primeira de todas é que o testemunho a essa altura era prematuro. O conceito que Jesus tinha do Messias estava muito longe do conceito popular daquela época. Jesus trilhou o caminho do serviço, o caminho do amor, o caminho do sacrifício. A idéia do Messias popularmente difundida entre os judeus era a de um rei vencedor que viria com os seus exércitos poderosos e retiraria para sempre o jugo de Roma das costas dos judeus. Se corresse um boato, àquela altura, de que o Messias já havia chegado, o resultado inevitável na mente de um judeu típico seria

revolta, rebelião e motins. Diriam: “Chegou a hora da nossa libertação política. Chegou a hora de insurgirmos e derrotarmos Roma”. Isto aconteceria especialmente na Galiléia, onde havia sempre pessoas dispostas a seguir qualquer líder nacionalista. Jesus sabia que antes de haver alguma proclamação pública de Sua messianidade, Ele tinha de educar o povo com respeito ao verdadeiro conceito de quem e do que era o Messias. Uma anúncio prematura, como a que procedia dos demônios, teria abortado toda a missão de Jesus.

Consideremos uma segunda razão para Jesus não aceitar o testemunho de demônios. Mais adiante nesse mesmo capítulo, os fariseus caluniaram Jesus afirmando: “Os escribas, que haviam descido de Jerusalém, diziam: Ele está possesso de Belzebu. E: É pelo maioral dos demônios que expelle os demônios”. Jesus pode ter pensado que se esses demônios tivessem permissão para dar livremente testemunho dEle, isto poderia dar a entender que Ele e os demônios tinham ligação entre si. Jesus não negou que o testemunho deles a respeito de Sua divindade era verdadeiro, mas Ele simplesmente os proibiu de divulgar isso.

A essa altura, ocorre uma mudança na progressão da narrativa de Marcos. Marcos nos diz que Jesus retirou-Se para as montanhas e levou consigo os doze que viriam a ser conhecidos como os apóstolos. O relato bíblico diz o seguinte nos versículos 13 a 19:

Depois, subiu ao monte e chamou os que ele mesmo quis, e vieram para junto dele. Então, designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar e a exercer a autoridade de expelir demônios. Eis os doze que designou: Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, aos quais deu o nome de Boanerges, que quer dizer: filhos do trovão; André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu.

É significativo que o cristianismo tenha começado com um grupo. A fé cristã é algo que, desde o início, tem de ser vivido dentro de uma comunidade. Além disso, o cristianismo começou com um grupo muito misto. Dentro da comunhão desses doze homens, encontravam-se dois extremos violentos. Por exemplo, havia Mateus, um coletor de impostos, um homem considerado por todo judeu ortodoxo um traidor do seu próprio povo, uma vez que trabalhava para o país estrangeiro que dominava a Palestina. Havia também Simão, o zelote. Você sabe quem eram os zelotes no primeiro século? Eram um grupo de

peças impetuosas e violentas que se comprometeram a derrubar, fisicamente e à força, o julgo de Roma de qualquer maneira. Eles chegavam ao cúmulo de recorrer ao assassinato para tirar os judeus da opressão do Império Romano. Por todos os meios lógicos, Mateus e Simão, o zelote, devem ter se odiado mortalmente e, sem dúvida, era esse o sentimento que tinham antes. Mas quando se juntaram ao grupo de apóstolos, foram capazes de ter comunhão um com o outro porque haviam aceitado Jesus Cristo como seu Mestre e Senhor.

Desde os seus primórdios o cristianismo insiste no fato de que os indivíduos mais antagônicos podem andar juntos se ambos estiverem determinados a andar com Jesus. Isto se aplica aos dias de hoje tanto quanto à época em que Jesus chamou aqueles doze homens.

O registro bíblico pressupõe que Jesus chamou os apóstolos por duas razões. Em primeiro lugar, Marcos diz que Jesus os chamou para estarem com Ele. Eles os chamou para serem Seus companheiros permanentes e constantes. Outros podiam ir e vir, as multidões podiam estar presentes hoje e ir embora amanhã, outros podiam ser inconstantes e oscilantes em sua simpatia por Jesus, mas os doze deveriam identificar suas vidas com a vida de Jesus. Eles deveriam estar com Ele todo o tempo, daquele dia para sempre.

Em segundo lugar, Marcos diz que Ele os chamou para enviá-los a pregar. Deveriam ser Seus embaixadores; deveriam falar de Ele a outros. Eles haviam sido ganhos para ganharem outros.

Para essa tarefa, Jesus os equipou de duas maneiras. Em primeiro lugar, deu-lhes uma mensagem. Em segundo lugar, deu-lhes poder. Marcos diz que Jesus deu-lhes o poder de expulsar demônios. Esses doze homens eram a liderança que Jesus escolheu, e através deles a mensagem de Jesus seria levada às multidões naqueles dias e a milhões no futuro.

O PROBLEMA DA FAMÍLIA (3:20–35)

O próximo parágrafo fala de um terceiro problema desencadeado pela popularidade. Acredite ou não, Jesus teve um problema com Sua própria família física. Marcos diz:

Então, ele foi para casa. Não obstante, a multidão afluiu de novo, de tal modo que nem podiam comer. E, quando os parentes de Jesus ouviram isto, saíram para o prender; porque diziam: Está fora de si (vv. 20, 21).

Posteriormente neste capítulo, ficamos sabendo que a família aqui mencionada era de fato a mãe e os irmãos de Jesus. Eles estavam em Nazaré,

mas chegou até eles a notícia de que Jesus não estava Se cuidando devidamente. Ele não estava comendo direito; não estava dormindo direito; Sua saúde estava em perigo. Alguns versos mais adiante, ficamos sabendo que eles saíram de Nazaré e foram até onde Jesus estava com o intuito de tentar persuadi-LO a voltar com eles para casa. A impressão deles era que Jesus havia enlouquecido ou, como diz Marcos, estava fora de Si.

Certa vez, em Mateus 10:36, quando enumerava as dificuldades que uma pessoa enfrentaria ao segui-LO, Jesus disse: “Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa”. A própria família de Jesus chegara à conclusão de que Ele perdera o juízo, não estando capacitado para cuidar de Si mesmo.

Jesus lidou com esse mal-entendido perto do final deste capítulo, mas antes disso, Ele lidou com algumas acusações dos escribas vindos de Jerusalém para investigar tudo o que se passava.

No versículo 22 de Marcos 3, o registro bíblico diz: “Os escribas, que haviam descido de Jerusalém, diziam: Ele está possesso de Belzebu. E: É pelo maioral dos demônios que expele os demônios”. Belzebu significa literalmente “senhor da casa”. Refere-se a Satanás como uma espécie de rei do submundo, o cabeça de uma máfia demoníaca, se assim o preferir. Belzebu era como um patrono sentado em sua poltrona, dando ordens aos outros demônios inferiores. A explicação dos escribas do ministério de Jesus era que Ele estava aliado a esses demônios, e os expulsava pelo poder de um patrono satânico a quem chamavam Belzebu.

Jesus respondeu a essas acusações com uma lógica muito simples, começando no versículo 23:

Então, convocando-os Jesus, lhes disse, por meio de parábolas: Como pode Satanás expelir a Satanás? Se um reino estiver dividido contra si mesmo, tal reino não pode subsistir; se uma casa estiver dividida contra si mesma, tal casa não poderá subsistir. Se, pois, Satanás se levantou contra si mesmo e está dividido, não pode subsistir, mas perece. Ninguém pode entrar na casa do valente para roubar-lhe os bens, sem primeiro amarrá-lo; e só então lhe saqueará a casa (vv. 23–27).

Isto é bastante lógico, não é? Qualquer um concorda com isto. Jesus disse que se houver dissensão interna num reino, esse reino não durará. Se fosse verdade a acusação dos escribas de que Satanás estava de fato guerreando contra seus próprios demônios, estaria ocorrendo uma guerra civil no reino de Satanás. “Em outras palavras”, disse Jesus, “se você quer roubar a casa de um homem forte, você não pode fazê-lo sem antes

entrar nela e amarrá-lo, para depois saqueá-lo”. A idéia é clara: “Não estou expulsando Satanás pelo poder do próprio Satanás porque isto seria dividir a própria casa. Seria guerra civil no reino de Satanás. Para tirar-lhe o poder e roubar-lhe a casa, tenho de primeiro amarrá-lo. O fato de eu estar expulsando esses demônios é uma prova de que amarrei Satanás”. A derrota dos demônios mostrava que Jesus não estava aliado a Satanás. Mostrava que as defesas de Satanás haviam sido rompidas, um poder mais forte havia chegado e a vitória sobre Satanás havia começado a ser travada.

Tendo respondido essa acusação, Jesus prosseguiu emitindo uma advertência muito severa àqueles professores da Lei. Ele disse nos versículos 28 a 30:

Em verdade vos digo que tudo será perdoado aos filhos dos homens: os pecados e as blasfêmias que proferirem. Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre, visto que é réu de pecado eterno. Isto, porque diziam: Está possesso de um espírito imundo.

Muitas pessoas ficam amedrontadas com essa passagem e, legitimamente, pois são palavras sérias proferidas pelo Senhor. O que Jesus quis dizer?

Blasfemar é falar mal, é proferir injúrias intencionais contra Deus e contra coisas sagradas. A idéia de falar mal, verbalizar mal, é o que está sempre implícito no significado original da palavra *blasfêmia*. Blasfêmia é um ato definitivo. Sob a Lei de Moisés, a blasfêmia era punida com morte. O Espírito Santo é uma pessoa da Divindade. Portanto, blasfemar contra o Espírito Santo é falar mal ou insultar o Espírito intencionalmente.

O verdadeiro pecado, porém, reside não nas palavras que foram ditas, mas no estado do coração que produziu a blasfêmia. No versículo 5 deste capítulo, Jesus se referiu aos corações teimosos dos fariseus que levantaram essa acusação contra Ele. A blasfêmia da qual Jesus estava falando resulta de uma teimosia de coração por parte de quem a comete. É por essa razão que esse pecado é imperdoável. Uma pessoa pode resistir ao ensino do Espírito Santo e endurecer seu coração a ponto de não poder ser atingida. Isto leva o seu estado a tornar-se imperdoável porque ela já não pode se arrepender.

Em João 12 Jesus disse que algumas pessoas do Seu tempo não criam. Alguns versículos antes foi dito a respeito dessas mesmas pessoas que elas não criam. Ali estavam pessoas que se recusaram a crer na Palavra de Deus e nas provas da divi-

dade de Jesus Cristo, a ponto de seus corações se tornarem tão irredutíveis, empedernidos e endurecidos que na verdade atingiram o estado incorrigível no qual não podiam crer. Quando uma pessoa atinge esse estado, ela finalmente está impossibilitada de ser redimida e está perdida porque uma pessoa que não pode crer em Jesus não pode ser salva. O perdão torna-se algo impossível para ela porque lhe é impossível crer.

Fundamentalmente, portanto, o pecado imperdoável é a rejeição deliberada e definitiva de Jesus Cristo. Quando alguém rejeita completa e definitivamente o ensino do Espírito Santo na Palavra de Deus, essa pessoa cometeu o pecado imperdoável. Não há lugar para perdão senão na fé em Jesus Cristo. Se a fé for descartada, de modo definitivo e irremediável, não pode haver perdão. Esta é a maneira incisiva das Escrituras enfatizarem a verdade que o Próprio Jesus declarou em João 14:6: “Ninguém vem ao Pai senão por mim”.

No relato de Mateus, ele registra Jesus fazendo uma distinção entre falar contra Ele — o que Ele afirmou ser perdoável — e falar contra o Espírito Santo — o que Ele afirmou ser imperdoável. Disse Jesus: “Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á isso perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir” (Mateus 12:32).

Como harmonizar esta passagem com o que acabamos de dizer? Um comentário do irmão H. Leo Boles sobre essa passagem nos ajuda a entender o que Cristo está realmente dizendo. Disse o irmão:

Muitos entenderam mal Jesus, Seus ensinamentos e Seu reino enquanto Ele estava na terra e até O negaram como sendo o Messias, vindo depois a se arrependerem, serem perdoados e se tornarem cristãos. Muitos podiam e de fato rejeitaram Jesus enquanto Ele estava na terra, mas quando o Espírito Santo veio e testemunhou dEle, eles aceitaram a Cristo. Todavia, depois que o Espírito Santo veio e revelou a perfeita vontade de Deus, se os homens a rejeitassem, não haveria outras provas para serem apresentadas, nenhuma outra mediação divina a ser oferecida e se eles rejeitassem definitivamente o Espírito Santo, não haveria perdão para eles (*A Commentary on the Gospel According to Matthew* [“Comentário do Evangelho Segundo Mateus”], p. 270).

É seguro dizer que uma pessoa que se permite afastar-se do poder do evangelho, o qual é a mensagem do Espírito ao mundo, comete pecado imperdoável. Se a rejeição for definitiva, o caso é

fatal, e trata-se de um pecado eterno sem possibilidade de perdão.

Tendo dito tudo isto como uma advertência severa àqueles fariseus que estavam prestes a rejeitar o testemunho do Espírito Santo de modo definitivo e irrevogável, Jesus vai resolver o mal-entendido de Seus familiares. Os versículos 31 a 35 diz:

Nisto, chegaram sua mãe e seus irmãos e, tendo ficado do lado de fora, mandaram chamá-lo. Muita gente estava assentada ao redor dele e lhe disseram: Olha, tua mãe, teus irmãos e irmãs estão lá fora à tua procura. Então, ele lhes respondeu, dizendo: Quem é minha mãe e meus irmãos? E, correndo o olhar pelos que estavam assentados ao redor, disse: Eis minha mãe e meus irmãos. Portanto, qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe.

Quando Jesus foi informado de que Sua mãe e Seus irmãos estavam lá fora esperando que Ele imediatamente Se levantasse e fosse embora com eles, Ele não foi. Em vez disso, Jesus olhou para as pessoas ao Seu redor e disse: “Aqui, entre estas pessoas, estão a minha mãe, os meus irmãos e as minhas irmãs porque todo o que faz a vontade de Deus é mais chegado a mim do que a minha família física”.

O parentesco não é meramente uma questão de carne e sangue. Muitos cristãos testemunhariam que seus irmãos, suas irmãs e mães dentro da família de Deus são mais próximos deles do que seus próprios familiares terrenos.

Em certa ocasião, um pregador norte-americano, chamado Stanley Lockhart, escreveu a respeito de um amigo querido, um irmão em Cristo, que havia falecido. O comentário dele é perfeito para o assunto que estamos tratando. O irmão Lockhart escreveu as seguintes palavras:

Quarta-feira passada, um amigo meu há quase vinte e cinco anos foi mortalmente esfaqueado no seu local de trabalho em Sant’Ângelo. Creio que nós dois tomamos muitos litros de café juntos. A igreja era ao nosso primeiro amor. Nossas famílias ocupavam o segundo lugar. Quando Jesus disse que quem O seguisse receberia cem vezes mais, vejo isto se cumprir literalmente. Por causa da minha fé cristã, tenho centenas de irmãos e irmãs. Em pé ao lado daquele féretro, vim a me dar conta de novo de que irmãos e irmãs no Senhor estão interligados pelo sangue de

Cristo, o qual é tão forte quanto o vínculo que nos une na carne.

CONCLUSÃO

Tanto para Jesus como para nós, a popularidade traz seus problemas. Muitas forças falsas emergirão com ela. Muitos tentarão usá-la para egoísmo e propósitos errados. A popularidade precisa ser observada com muita cautela. Quando um movimento ganha popularidade, temos de tomar cuidado para continuarmos ouvindo a voz de Cristo e não a voz de pessoas.

Não averiguamos a vontade de Deus fazendo uma pesquisa de opinião pública. Se quisermos saber qual é a vontade de Deus, precisamos ir até a Bíblia. A maioria das pessoas do mundo nunca seguiu os caminhos de Deus nem nunca seguirá. O cristão está marchando ao som de um rufo de tambores diferente e por causa do que ele é ele estará quase sempre fora de compasso com o mundo. Jesus sabia que seria assim. Ele disse em Lucas 6:26: “Ai de vós, quando todos vos louvarem!” Ele também disse em Mateus 7:13 e 14: “Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela”.

O desejo de Deus para cada pessoa sobre a face da terra hoje é que ela encontre a vida que Jesus Cristo pode dar. Somente alguns a encontrarão, mas você pode estar entre esses poucos, se estiver disposto a ouvir acima de tudo a Deus e a Sua Palavra. ✦

O Projeto do General

Conta-se que Alexandre, o Grande, tinha um general famoso a quem ele dispusera qualquer quantia do tesouro real. Em certa ocasião, esse general elaborou um projeto cujo custo era um valor tão elevado que o tesoureiro recusou-se a pagar o projeto enquanto não consultasse o imperador. Apresentando-se ao imperador, o tesoureiro relatou o intento do general. “Você pagou o projeto?”, perguntou o imperador. “Não, eu me recusei a fazê-lo enquanto não viesse falar com sua majestade por se tratar de uma quantia tão grande.” O imperador ficou indignado. “Você não sabe”, respondeu o imperador, “que ele honra a mim e ao meu reino elaborando tamanho projeto?”